

Entrevista Massimo Canevacci

Dr. Massimo Canevacci, da Universidade La Sapienza, Roma, esteve na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás para proferir a aula inaugural do curso de Mestrado em Comunicação. Publicou no Brasil A Cidade Polifônica, Antropologia da Comunicação Visual e, mais recentemente, Culturas eXtremas. Nessa entrevista o autor fala sobre culturas metropolitanas, novas identidades e transições metodológicas.

A entrevista foi concedida às professoras da Facomb, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Silvana Coleta dos Santos Pereira.

C&I – Sua produção recente aborda questões relativas à vida nas metrópoles e, em particular, à novas formas de perceber os corpos. O que quer dizer exatamente com isso?

R – Eu investigo o papel do corpo e de fetiches visuais nas metrópoles em transformação. As grandes cidades convidam hoje a uma convivência e um fluxo comunicacional direto que se estabelece diretamente entre as diversas práticas de sujeitos: as raves, a videoarte, os trânsitos constantes pelo ciberespaço, as intervenções físicas como o piercing, a tatuagem são demonstrações de uma “cultura líquida” que circula permanentemente pelas cidades e que são em geral invisíveis para os métodos investigativos tradicionais.

C&I – Essas novas práticas certamente incidem sobre as identidades. Como percebe essas novas possibilidades de construção identitária?

R – As novas identidades são dissidentes de si mesmas, não mais sedentárias, mas diaspóricas, múltiplas e que, não necessariamente podem ser categorizadas ou logicamente enunciadas, encontram-se inscritas nos corpos, em suas marcas, nas modas, nos desejos de provocar desejos, na sedução da instabilidade. Os corpos podem ser percebidos como panorama cultural. Os eus comunicacionais não se submetem a tipologias uma vez que os fluxos narrativos são descentralizados, acelerados. A possibilidade de conexões tecnológicas permite que o eu-conectivo nevegue na Internet, passeie pela Second Life, Faça amigos no Orkut, baixe uma música, veja um filme, mande e-mails: realiza um percurso em que pode assumir identidades diferentes, múltiplos eus. A comunicação digital torna irreproduzível a reprodutibilidade técnica, o que torna obsoletas as metodologias interpretativas tradicionais.

C&I – Como analisa as várias possibilidades verificadas atualmente de se fazer uso dos corpos para a construção de sentidos sociais?

R – O corpo, atualmente, pode ser percebido como um espaço performático, um panorama denso de fetiches visuais que se expõe à observação alheia; nesse sentido a elaboração do corpo em *bodyscape* (entende-se por *bodyscape* o corpo espacializado) incorpora sucessivas montagens e configurações, construindo fisionomias temporárias, coreografias, etnografias que

transformam tudo aquilo que é visto como “objeto” em “sujeito”, impedindo a utilização das dualidades tradicionais – sujeito/objeto – como elementos interpretativos e que transcendem os alfabetos tradicionais. A transversalidade dos atores. O corpo é, hoje, um eu-comunicacional: não é uma forma fixa, mas um fluxo híbrido de significações que constituem o “multívduo”, distante do ideal clássico em que grandes categorias se ajustavam às identidades pessoais e grupais. O que se vê, hoje, nos desvãos e nos interstícios das metrópoles é a existência de um ser diaspórico que, por meio de um corpo alterado, exposto à observação, libera tensões e visões materiais pós-dualistas, que deseja performances que atravessem gêneros, estilos, linguagens. É uma espécie de tecno-corpo que se auto-constrói e to-expõe constantemente, impermeável às censuras moralistas de origens várias.

C&I – Nesse caso já não se pode mais falar em identidades.

R – Não, na nova metrópole eu sou igual porque sou diferente e a pluralidade deixa de ser “nós” para se transformar em “eus”. Não sou mais um indivíduo, mas um multívduo, dificilmente apreensível ou rotulado a partir das classificações socioantropológicas tradicionais. Não se pode enquadrar em classificações o que é naturalmente vário, fragmentado. Como fixar em tabelas o que é móvel e fugidio? Por outro lado, há de se considerar a emergência das novas *identidades-diaspóricas, que trazem* desafios ao ordenamento jurídico e administrativo dos estados/cidades e mesmo às culturas estabelecidas. Do encontro/desencontro cultural surgem as múltiplas formas de hibridismo cultural.

C&I – O que seria exatamente esse “ser diaspórico”?

R – De acordo com Bhabha,¹ diaspórico se relaciona à passagem das identificações fixas à possibilidade de um hibridismo cultural que aceita a diferença sem hierarquias. A diáspora refere-se à migrações forçadas, portanto remete-se a diferentes espacialidades e às subjetividades que foram ignoradas pelas historiografias oficiais e atualizadas pelos estudos pós-coloniais. O sujeito diaspórico é um habitante das metrópoles, desconectado de sua matriz étnica e que abala as configurações do que foi racializado, etnicizado, sexualizado conforme uma lógica que tem como referência o Ocidente. No lugar do sentimento de perda de uma estabilidade tradicional, de saudade dos modelos familiares, instala-se um sentimento de que essa perda pode ser transmutada em esperança não por meio das possibilidades de assimilação das (e pelas) novas culturas, mas pelas inúmeras possibilidades do existir. A possibilidade de que aventurar-se no desconhecido pode, enfim, não ser uma experiência traumática, mas representar um enriquecimento sensorial. As identidades diaspóricas liberam-se das modalidades afirmativas exógenas e buscam suas próprias alternativas auto-afirmativas. Os estudos das diásporas realizados por Boyarin (Jonathan e Daniel)² a partir das experiências de indivíduos judeus levam a concluir que a identidade cultural não se conserva ao evitar as possíveis misturas, mas só continuam existindo apesar das misturas, como seus produtos. Assim como as identidades, as culturas são sempre reconfiguradas. Eles se referem a uma “identidade diasporizada”, que indica a presença de novos hibridismos nos quais a referência não é apenas a matriz cultural judaica.

Outro estudo que posso citar também é o de Paul Gilroy,³ que percebe que a diáspora compulsória africana dos navios negreiros, já antecipa

¹ Homi K. Bhabha. O local da cultura.

² Boyarin, Jonathan & Boyarin, Daniel. Powers of diáspora.

³ Gilroy, Paul. The black Atlantic.

os desafios aos estados e estruturas estáveis e de dominação de todas as ordens. Esses primeiros deslocamentos já trazem consigo a experiência das misturas, os sincretismos religiosos, a miscigenação, a justaposição de estilos de vida, de códigos culturais e também formas sutis de insubordinação. Esse começo trágico pode levar à emergência de possibilidades de deslocamentos voluntários que põem em contato e em contraste culturas, músicas, danças, sensibilidades que, de alguma forma, exercem influência sobre as sociedades contemporâneas. A esses exemplos eu acrescentaria que a importância desse processo não se esgota nessas duas diásporas mais reconhecidas – judeus e africanos –, mas se estende para além das suas respectivas matrizes históricas e culturais. Hoje, falar em sujeito diaspórico não é mesmo que falar em etnias. As mutações, hoje, só o são porque já não são movimentos étnicos.

E é nesse sentido que as metrópoles se constituem em emblemas de uma outra sociabilidade, por não se configurarem mais como as cidades industriais em que se podiam situar os indivíduos em termos de sua identificação segundo classes sociais, famílias, papéis sociais estáveis, espacialização centro/periferia. As novas metrópoles são atravessadas por sujeitos diaspóricos que enxertam novos sincretismos, novos hibridismos que constantemente perturbam e transformam o panorama urbano. Esses hibridismos são *culturais, comunicacionais, tecnológicos, experimentais*: estão nos discursos, estilos, visões, percepções e estéticas.

C&I – Como se percebe hoje esse movimento diaspórico?

R – As diásporas já não são concebidas apenas em termos de desterritorialização forçada ou compulsória, como aconteceu ao longo da história

aos exilados, expatriados e colonizados de todos os tipos. Já não se associa automaticamente ao exílio, mas pode ser experimentada pelo próprio sujeito como libertação das constrictões de origem. Seria concebê-la como cada vez mais distante da experiência de subtração, de expulsão e mais próxima das experiências subjetivas plurais decididas e buscadas pelos próprios sujeitos.

Nesse sentido, muda o próprio conceito de cidadania, agora necessário não apenas para legislar sobre igualdades, mas também sobre as diferenças. O conceito de cidadania é transitivo, não se restringe a noções como as de território, religião, família, etnicidade. Os movimentos diaspóricos subvertem as regras jurídicas e, em geral, políticas nas quais se basearam os estados nacionais. Por exemplo, o conceito de cidadania está sendo continuamente desafiado pelos novos sujeitos diaspóricos, que colocam em xeque os estatutos jurídico-políticos dos estados e das administrações municipais, em especial quando colocam e tornam explícitas as dificuldades que essas instâncias têm de dar respostas às novas demandas colocadas em cena. Demandas de toda ordem, desde o atendimento dos serviços públicos à convivência entre formas culturais diferentes, estrangeiras.

C&I – Como é possível apreender conceitualmente essas singularidades diaspóricas?

R – Os conceitos de diáspora, diaspórico, assim como o de sincretismo são exemplos do que podemos chamar de *conceitos líquidos*, que escapam à lógica da tradição acadêmica, que persegue uma estabilidade entre palavra e significado e uma solidez cognitiva (que se estende também à esfera dos afetos, da sexualidade, da política). Os conceitos líquidos não estabelecem uma relação de força nem se opõem

aos conceitos sólidos, são autônomos. Sua contribuição consiste em propor novas formas de compreender as sociedades em constante mutação. Como já afirmei anteriormente, os conceitos líquidos não permitem os enquadramentos em categorias nem muito menos as classificações estatísticas. Significa também a inclusão, como sujeitos de importância socioantropológica, as vivências marginais que sempre estiveram ao largo das preocupações e das pesquisas acadêmicas.

C&I – Quais seriam então as novas possibilidades metodológicas para apreender esse movimento permanente, essas vivências intersticiais?

R – Os métodos acadêmicos e os discursos científicos se mostram insuficientes para permitir o trânsito nas inter-zonas urbanas em que se pode estabelecer um fluxo comunicacional direto com os sujeitos, jamais objetos de investigação. Falo de uma espontaneidade metodológica polifônica que não se deixa enquadrar nem pelo rigor formal metodológico e monológico, nem pelas estatísticas e metanarrativas. O discurso científico está se tornando “instrumento para obter financiamentos, fazer carreira, falar em nome de” (alteridades). É essa metodologia, que substitui as tipologias e conceituações ossificadas e que se aproxima de um gozo da diferença que permite que se compreendam os desafios, as cenas urbanas, as zonas limítrofes e os espaços vazios que compõem o panorama atual. A vertigem das cidades, a multiplicidade de signos, a utilização dos corpos como linguagens e novas formas de comunicar impedem a utilização dos léxicos tradicionais, institucionalizados.

C&I – É nesse caso que surgem as estratégias da chamada *cross culture communication*?

R – *Cross culture communication* não pode se identificar com a administração estratégica de conflitos entre pessoas e grupos pertencentes a diferentes culturas e que, compulsoriamente, compartilham o mesmo espaço urbano. O conceito deve ir muito mais além, pois pode incorporar as ilimitadas combinações em que as diferenças, as trajetórias, o histórico cultural que constituem os sujeitos se articulam e permitam uma troca simbólica que modifica o perceber e o sentir anteriores. Falo de cruzamentos e travessias que desembocam em uma transculturalidade da qual as novas expressividades performativas – inclusive as que possuem o corpo como suporte ou como emblema. Trata-se, agora de compreender e por em circulação um sincretismo cultural, comunicativo, experimental, capaz de explorar e acatar os mais diferentes discursos, estilos, percepções estéticas e criações. Sincretismo que situa-se além da filosofia, religião e das culturas populares em que foi tradicionalmente concebido e que não cabe nas concepções dominantes baseadas em visões totalizadoras de verdades únicas ou multiculturalismos convenientes.